05/000173

BRAZIL 600 REIS 600

BRAZIL 600 REIS 600

Illmo. Snr.

Quinta

Dr. Paulo Moraes Barros

Avenida Bartholomeu de Gusmão nº 54

SANTOS

9
JUL

OD/0000173

São Paulo, 5 de Julho de 1918.

Paulo.

Cumprimentos.

Depois dos ultimos factos relativos á sua filha e a minha pessôa, parece que seria ridiculo, ao iniciar o meu divorcio, escrever-lhe uma carta, onde justificasse esse meu proceder. Attendendo porem ao trato que Voce sempre me dispensou quando foram boas as nossas relações, julgo ainda cabivel uma explicação. Mesmo porque, creio não estar Voce bem ao corrente dos factos. Apezar de Pae e de lhe assistir toda autoridade, Voce jamais procurou interferir nem no que dissesse ao bem estar do casal, nem ao que respeitasse ao nosso intimo viver. No entanto, não posso admittir, que no tocante a esta ultima parte voce fosse completamente ignorante, pois o contrario diz uma carta que Voce escreveu ao meu Pae. Não me lastimo muito dessa sua attitude, pois a mim me dava a intuição de que Voce me julgava capaz de por mim só me haver na vida. No desenlace que teve o meu malfadado casamento, é bom que se apure as culpas. Ainda mais, eu encontrei a minha mulher na sua casa e Você foi encontrar o seu filho separado de mim e na casa de uma tia. É preciso portanto que se ponha tudo as claras e cada um assuma a responsabilidade que lhe cabe.

Vivia tranquillamente no Rio, onde apezar de longe da familia e parentes, ia encaminhando a minha vida, modestamente, como podia. Não lhe conhecia pessoalmente e ignorava que tivesse filhas e casadeiras. Já havia mais de tres annos que me formara. Neste interim, recebi um pedido de Mimi, meu irmão, para que lhe mandasse o certificado da minha nomeação para professor livre da F. de Medicina do Rio de Janeiro, trabalhos etc; que serviriam de base com que elle e Nhônhô iam tentar me transferir – e com vantagem – para S. Paulo. Mandei alguns escriptos meus, a certidão pedida, um parecer da Congregação a meu respeito etc, sem de leve suspeitar do verdadeiro intuito do tal pedido.

Tendo vindo a S. Paulo trazer uma das minhas irmans, que eu tinha levado ao Rio afim de tratar da saude, fui surprehendido com a noticia, de que Você me convidara para um jantar em sua casa. Foi então que meu pae disse-me qual as intenções delle e os que animaram á familia Moraes Barros.

Não tendo compromisso de especie alguma, embóra extranhasse o que me propunham, achei um certo sabor exquisito nesse modo á antiga, dos paes promoverem o casamento dos filhos. Por infelicidade, agradou-me a pretendida noiva. E levado por uma serie de sensações novas para mim, deixei-me conduzir. A medida porem que ia conhecendo a sua filha, fui notando nella excentricidades. – Um dia perguntando-me ella mesma, que pensava eu de festas e bailes, respondi-lhe, que gostava e muito. Mas um tanto ciumento, disse a ella que, uma vez compromettido com alguem, não poderia achar prazer em festas, onde esse alguem faltasse. Espontaneamente ella me disse, que tambem não mais iria a festas onde eu não estivesse. Passados dias, ainda não éramos officialmente noivos, já o éramos porem pelo mutuo compromisso, recebi d'ella uma carta, contando-me que tinha ido a um grande baile e que se divertira muito. Vendo a contradicção entre o que ella mesmo me dissera e o que acabava de contar, extranhei sobremodo e, vi já que não seria ella a mulher que se affizesse ao meu modo de ver as cousas. Éra tempo para voltar atraz e continuar a viver tranquillo como antes vivia. Escrevi a ella uma dessas cartas difficeis de se escrever (pelo qual você me classificou de cinismo feroz etc) pedindo devolvessemos as nossas correspondencias, pois a minha tentativa, embora baseada na mais pura das intenções, não era viavel. Não obtive resposta, o que me admirou, pois a menor dose de amor proprio, indicava uma devolução immediata das cartas pedidas. Passados oito dias, escrevi novamente um cartão insistindo no meu pedido e fazendo ver os inconvenientes de retermos, uma correspondencia do outro. Ainda não obtive resposta. Escrevi novamente; agora apenas um cartão, onde até o meu nome riscara!.. Isto foi por fins de Novembro, começos de Dezembro de 1914. No dia de Natal desse anno, quando não mais pensava nessa minha tentativa de casamento, recebi de Leninha uma carta repassada de queixumes e um pedido que não insistisse em romper com ella. Extranhei os termos da carta e a achei de uma humildade sem par... (Posteriormente Leninha contou-me, que essa carta lhe fôra dictada). Não respondi. No dia 5 de Janeiro de 1915, de passagem para Pirassununga, do "Hotel do Oeste", telephonei a ella, dizendo, me achar em S. Paulo, trazer commigo cartas e retratos que d'ella possuia e que éra occasião de cada um ficar com o que éra seu. Disse-me ella, que só eu indo pessoalmente levar as cartas d'ella e buscar os meus. Não suspeitando de nada fui. Ella recebeu-me, atirando-se nos meus braços. Verdadeiramente transtornado só admitti como solução pedil-a em casamento no mais breve tempo possivel. Estavamos noivos. Em sete de Maio vim a S. Paulo, a pretexto de passar com o Paulo A. o anniversario d'elle. A oito realisam-se em casa do Sr José Paulino um grande baile e no Rio casava-se um meu companheiro de trabalho. Não podendo ficar em S. Paulo, parti no dia 7 mesmo para o Rio. No dia 10 de Maio, recebi uma carta de Leninha, dizendo que tinha se realizado o grande baile e que ella a elle comparecera. Não queria ir, porem V. a tinha obrigado, allegando ser um Secretario, não podendo portanto se furtar á sociedade e que devido a sua condicção de viuvo, ella como filha mais velha, devia acompanhal-a. Foi obrigada a ir, dizia, e dava alguns pormenores da festa. Deante dessa carta escrevi a V. como a situação indicasa, lembrando o que de desagradavel já se tinha passado entre nós por causa de bailes etc, e pedindo, que não mais a obrigasse a ir a festas. Respondeu-me V. que apezar da sua filha ser minha noiva, não tinha abdicado os seus direitos de pae. Respondi e então em termos incisivos, deplorando o incidente e dando por desfeito o meu compromisso de casamento com a sua filha. (Disse-me posteriormente ella, que esta minha carta, chegando á sua casa quando Você se achava ausente, ella a interceptara).

Qual não é a minha surpreza quando passados dias, recebo uma carta de Leninha, dizendo que não fôra a baile nem a concerto algum e, que havia escripto aquella carta, para me submetter a uma prova (!) e que antes de nos casarmos, eu teria que passar por outras ainda!.. Não respondi, quedei-me certo porem, que o meu casamento estava definitivamente desfeito e communiquei o facto aos meus paes.

Nova surpreza me reservava o mez de Junho, quando recebi de Você uma carta, dizendo que tinha lido parte da correspondencia trocada entre eu e Leninha e que pelo ensejo d'ella, receiava sobre o nosso futuro. Com todo o boldo de escrevi a Você, dizendo que ja há muito estava conformado com a solução que me suggeriu, que estava de pleno accordo em desmanchar esse casamento, acreditando que essa suggestão era calcada na sua intelligencia, conhecimento pleno da filha, experiencia e consciencia enfim. Se fosse me dado um alvitre porem, lembrava, que não deviamos tomar resoluções tão radicaes, sem um entendimento á viva voz. Passados dias recebi outra carta sua, dizendo que o meu casamento não podia se realizar a 21 de Junho de 1915 como estava marcado, que ficava porem para mais tarde!... Não soube como julgar factos tão disparatados como os que tinha presenciando. Apenas resolvi feichar os olhos e sem medir consequencias nem ajuizar sobre cousa alguma e casar-me. Tinha um intimo prezagio, que para o futuro ainda viria a desfructar uma vida tranquilla.

— Casei-me finalmente tendo conhecido minha mulher menos de um anno antes, após ter me encontrado com ella ella 10 vezes apenas e de ter procurado romper o contracto de arrendamento duas vezes. Só então fui verificando, com a amarga experiencia de cada dia o grande passo em falso que tinha dado. Durante tres annos e meio de casado jamais vi Leninha contente. Sempre revoltada contra tudo e contra todos, sempre tendendo a seguir em direcção opposta á aquella que a menor parcella de bom senso indicaria. Sob aquella mascara de meiguice e tom choroso, occultava de facto uma indole má. Oppunha difficuldades na realisação das mais insignificantes cousas, tinha o humor constantemente irritado e — porque não dizer — um certo prazer em contrariar o marido. O que foram as difficuldades para se escolher uma casinha e mobilial-a, não se descreve. Tudo ella achava ruim, tudo éra caipira; para ajuizar sobre um objecto e para por elle propender, só tinha um criterio — o custo caro. Mas nunca cheguei ter casa organisada. Não podendo dispender como um nababo, muito caro não se chegou a comprar, por ella só querer o que custasse caro.

Descontente com a casa nos cuidados d'esta, e, éra preciso que nos minimos arranjos, eu estivesse a cada passo intervindo. De cosinha nada entendendo, cheguei eu mais de uma vez — pouco açôada — até nisso a intervir e comemos do que eu ensinava uma criadinha a fazer… Não tendo o menor espirito de economia, não sabendo cozer, os panos nos seus vestes ia-se notando um certo desmazelo, para que na sua propria roupa fosse pregado um botão éra preciso que alguem o fizesse, que se pagasse. A vida assim tornava-se indiscutivelmente carissima. Desculpava-lhe eu isto. Foi criada em hoteis e pensões, jamais viveu a vida das familias brazileiras. A educação que teve foram uns europeis, porem jamais visou fazer d'ella uma futura dona de casa. Ella se apresentava portanto completamente incapaz para dirigir o seu lar, consoante o casamento que fizéra; fosse millionaria, pudesse pagar tudo, assim estaria bem. Vem-lhe a gravidez. O seu descontentamento e mau humor augmentaram; o desvelo pelo seu lar ainda tornou-se maior. Comigo extremaram as suas irregularidades ao extremo. Em via de regra não se despia a noite para se deitar, estivesse com o vestido que estivesse, assim se atirava ao divan do meu escriptorio ou na cama e assim ficava. E só ao custo de muito pedir, de ouvir muita grosseria, conseguia que se despisse. Isto era todo dia. A gravidez naturalmente, a quem ainda solteira mal se aprumava, veio transtornar mais. Assim eu penava, esperando pelo parto d'ella como pela redempção. Os factos nesse periodo são inenarraveis. Basta citar o seguinte, para se ajuizar do tormento em que se vivia: Tendo ella recebido a mobilia que encommendara para a sala de jantar, durante a arrumação, collocou um faqueiro em meio d'uma das portas que davam para a sala. Vendo eu, que nesse lugar o movel difficultava a passagem, perguntei a ella onde queria que o collocasse. Disse-me que o deixasse; ella sabia onde devia collocol-o. Insisti e obtive a mesma resposta. Apesar d'isso desci o faqueiro da porta e o colloquei contra a parede do quarto contiguo á sala. A noite, estando no meu escriptorio, ouvi barulho e percebi, que desciam a escada com alguma cousa muito pesada. Era Leninha, que gravida de oito mezes, descia com uma criadinha o faqueiro pela escada abaixo! Ralhei com ella por essa extravagancia e, com a criada, conduzi o faqueiro para o meu escriptorio, para onde ella o destinara.

Voltei a estudar e ouço então um barulho de quem quebra louças, no andar superior. Subi ás pressas e vou encontrar Leninha no meio dos destroços de um apparelho de toillet, cujos peças ella ia quebrando arremessando tudo contra as paredes e o assoalho! Conduzi-a ao quarto, procurei acalmal-a e fiz deitar-se. Estava fazendo aquillo porque eu a deixava gravida estar carregando moveis... Temi com essa crise um aborto e tambem pela sanidade mental d'ella.

Approximara-se o parto. O pae d'ella partia em viagem de recreio.

Das tias, essas mesmas dentre as quaes houve agóra que se mostrassem mui alviçareiros em amparal-a contra a furia do marido, não houve uma siquer que se offerecesse, que fizesse o menor acêno, para assistir á sobrinha, que ellas bem sabiam incapaz de se haver por si só em tal emergencia, que precisava de qualquer modo ser assistida por uma pessôa pratica, que a auxilliasse, que lhe desse o conforto moral que ella carecia. Houve no entanto uma pessôa ja bem idosa, doentiã e que tinha na sua casa, quasi moribundo no leito um filho, que attendendo ao meu pedido, partiu sozinha e foi ter de Pirassununga ao Rio, para assistir Leninha. Essa pessôa bem se vê, foi minha Mãi. - Aggravando-se sobremodo o estado do meu irmão doente, minha Mãi foi obrigada a deixar-nos antes do dia 12 de Maio, quando Ruitinho nasceu. No dia 20 desse mesmo mez morria o meu querido irmão. Nascido o filho, em Junho do mesmo anno os meus paes foram até o Rio, afim de baptisal-o. Como éra natural se hospedaram em casa, onde passaram 15 dias. Afóra mais uma temporada que Lydia, minha irman, foi passar comnosco no Rio, a meu convite e para fazer um pouco de companhia a Leninha, não existe mais contacto algum da minha familia e minha mulher. Pois bem, essa gente, a quem ella só devia attenções, éra o objecto predilecto das suas imprecações: se minha Mãi fôra ao Rio, para assistil-a, porque eu pagara as despezas com o dinheiro d'ella Leninha; que minha Mãi havia levado com objectos seus uma mala que não restituira... sempre pequeninos assumptos, mesquinhezes.

Ainda agóra, ao partir para o Pau d'Alho tanto fallou na tal mala — uma velha mala de mão, quasi imprestavel — que para contental-a comprei outra, sem aliás precisar. Costumava dizer, que, se o que tinhamos não chegava para vivermos, éra porque eu desviava dinheiro para a minha familia; sempre estas mizerias a atormental-a. De uma feita, em vesperas de nos separarmos, eu casa do Cel Salles, dizia a este e na minha presença, que ella tem raiva porque eu éra tão sovina: precisava de dinheiro para a minha familia e para os amantes. Esta linguagem, estes modos ella os tinha com grande desembaraço, modos e palavras tão improprios para uma moça, sobretudo para quem, como ella, fazia gosto dos seus oito annos de educação na Europa.

Proseguindo na narrativa que vinha fazendo, logo nos primeiros mezes após o parto, Leninha não teve mais leite com que amamentar o filho. Resolvi a pretexto de assistir a um Congresso Medico, ir até S. Paulo em fins de 1916. Aqui, visto o menino pelo Galeno, este aconselhou que lhe dessemos ama de leite. Arranjou-se uma regular, como ama, porem boa pessôa. Partimos após para o Rio. Lá continuou o mesmo viver irregular, os mesmos queixas, as mesmas malcreações, as mesmas questões de dinheiro sempre etc. Se os criados nunca a puderam aturar, a ama tambem não poderia. Logo come ção a se explicar com a ama. Éra preciso que a todo momento eu estivesse harmonisando, fazendo ver a uma e outra o que éra justo, afim de não privar o menino, do leite que carecia. Mas Leninha cada dia se tornou peior. Uma noite, pela 1 hora, o menino acordou. A ama depois de ter trocado os panninhos deu de mamar a elle e o estava acalentando no berço. Eu estava acordado. Nisto Leninha se levanta de subito, corre para o quarto do menino aos gritos com a ama a quem agride a bofetadas... Corri a separar Leninha da pobre mulher que chorava desesperadamente. Não sei se foi uma manifestação epileptica, o que foi enfim. Só sei que a custo consegui Leninha voltasse para a cama e que a ama não deixasse a nossa casa aquella hora da noite, o que aliás fez no dia seguinte. — Depois de tentarmos arranjar ama no Rio mesmo, pedimos para S. Paulo outra ama. Foi desta vez uma rapariga forte, escorrendo — sangue e leite pelo Braz — que nos prestou bons serviços. Lá chegada, a mesma cousa se deu com esta. Leninha em poucos dias começou a se implicar com a mulher que pouco depois de um mez voltou a S. Paulo. Tendo se empregado em casa de um filho do Firmiano Pinto, espalharam aqui em S. Paulo, que a moça com que estivera no Rio éra louca... Quando Lydia minha mana esteve no Rio, um bello dia ao nos levantarmos, como Leninho ficasse na cama e já fosse quasi oito horas, estando me aprumptando para ir para o trabalho, deilhe uma leve palmada, dizendo: "acorda dorminhoco". Não sei como ella interpretou o meu brinquedo. O facto é que num verdadeiro impulso levantou-se da cama d'um salto e se atirou sobre mim furiosamente. Fiz ver a ella o desarrazoado do zango e a desproporção da reacção d'ella, quiz acalmal-a, disse que estava brincando; mas não houve meios de acalmal-a. Passados momentos quiz me agredir outra vez; evitei, sempre procurando acalmal-a. Ao entrar porém, passado mais ou menos uma hóra, no quarto de toillet, ella que estava de dentro, desferiu-me um golpe, com um grampo que tinha na mão. Então, vendo que não éra mais possivel estar com meios medidos, tomei-a energicamente pelos braços, tirei-lhe o grampo, fil-a sentar-se numa cadeira e voltei como devia com ella. Desandou então a chorar, fez barulho e disse que iria para S. Paulo. Vestiu-se e não quiz almoçar. Recommendei a Sylvia que não dissesse uma unica palavra e o mesmo fiz eu. Após o almoço Sylvia foi para a casa de uma amiguinha e eu desci para o meu escriptorio onde passei o dia. Leninho com grande escandalo fez as malas espalhando tudo que lhe não interessava pela casa e após tomou um automovel e partiu com o filho. Por onde andou não sei. Ao escurecer chegou á casa, mandou abrir largamente o portão, collocar junto d'elle as malas e tudo isto, debaixo de imprecações terriveis, com grande espanto dos visinhos, que não comprehendiam aquillo. Não jantou em casa. Eu e Sylvia assistiamos a essas scenas como dois mudos, como se nada tivessemos com o que se estava passando. Lá pelas oito horas da noite, um outro automovel estava parado na porta da nossa casa. Eu estava escrevendo no meu escriptorio. Visto Leninha completamente paramentada para viagem, approximou-se de mim e disse que vinha se despedir. Disse-lhe então eu, que deixando ella a casa como deixara, não tinha que se despedir e que podia ir. Ficou a principio muito desconcertada e, após, num repente atirou-se a mim aos abraços, pedindo que a desculpasse. Aproveitamos o automovel para ir até a "Central", nos desfazer da passagem que ella tinha comprado. Após fez questão que fossemos a um cinema.

Passamos alguns dias de relativa calma; logo porém começou outra vez com as suas irregularidades. Depois que batera no pobre da ama ficou violenta. A todo momento dizia que não estava mais para tolerar ninguem: «e o tio Nhonhom já ameaçara de bater uma vez e ao Tio Antonio já tinha dado um tapa, os outros não eram mais que estes». Assim um certo dia quasi foi as vias de facto com uma costureira, tendo chegado em casa num assomo de cólera, contando o succedido.

Em Maio de 1917 estando me preparando

por um accesso adoeci de grippe e o conselho do Dr.mos Austregesilo, resolvi passar no Pau d'Alho uma temporada. Como não quizesse perder tempo e estivessemos em vesperas de nos mudar para o Leme, parti antes, deixando Leninha em companhia de Sylvia, esperando que os retoques na nossa casa terminassem e pudessem fazer a mudança. Era questão de dez dias no maximo. Leninha contudo deixou-se ficar no Rio 18 dias e partiu para São Paulo sem mudar cousa alguma, tendo lá se demorado o tempo necessario para fazer vestidos e nada mais. — Uma vez em S. Paulo deixou-se ficar em casa do Octavio Mendes e só foi para o Pau d'Alho quando ja fazia um mez que eu lá estava e após eu ter escripto a ella em termos muito energicos. É verdade que eu não estava propriamente doente e apenas enfraquecido por uma grippe, excesso de preocupações e um pouco de estudo. Mas não era o conceito que ella fazia da minha saude, pois os irmãos e parentes dizia-me tuberculoso e escarrando sangue. Era qualquer outra mulher que fizesse tal juizo da saude do marido, seria a primeira a acompanhalo e o cercar dos cuidados que precisasse.

De volta a S. Paulo não quiz seguir commigo para o Rio, queria ficar mais algum tempo. Apezar do inconveniente de ter ella de fazer viagem só, cedi e parti. Lá estava eu, quando uma bella manhan, pelas dez horas e meia, entrou Leninho pela casa a dentro blasphemiando dizendo-me palavrões, que eu bem sabia que ella devia chegar e não fui esperal-a na Estação etc; d'ahi ter chegado só naquella hora, pois o chauffeur andou dando voltas com ella. Fiz ver que ella não me havia escripto nem telegraphado como fôra suposto. Dizia ella que o Hominho havia telegraphado, que eu bem sabia que ella chegara e que fizera de proposito. – Pelas onze horas chegou um telegramma, era o de Hominho e foi ella mesma que o abriu. – Não se dando por vencida, disse que Hominho devia ter passado dois telegrammas… — Hominho, quando o vi pela primeira vez após esse facto, disse que Leninho não queria que me avisasse por forma alguma, pois queria chegar de surpreza para ver o que eu estava fazendo! Elle havia telegraphado, depois que Leninha embarcou. Dois mezes após, quando Córa foi passar comnosco uns dias no Rio, as malas da mudança e as que Leninha trouxera de S. Paulo, ainda estavam junto a escada, perto da porta de entrada da casa. E por ahi Você pode avaliar como ella se interessava pela casa.

Agóra a queixa não éra mais contra a casa. Dizia que no Rio ella seria sempre assim e "cada vez peior" (sic.), que me mudasse para S. Paulo. Este passou a ser o thema de todos os dias, o estribillo de todo momento. Leninha estava gravida e a espera do nascimento do segundo filho. A vida em casa continuava a ser o mesmo martyrio. Havia já uns oito dias, que se ella me fallava éra apenas uma ou outra cousa, para se queixar ou se mostrar zangada. Certa manhan, ao me levantar, ella disse que não fizesse barulho, que não acordasse o menino, que não éra hóra, uma cousa incrivel enfim. Visto o creado entrou no nosso quarto com o menino p.r prompto fui descer para o café... Desci mais cedo que ella; fui chamado ao telephone: éra o Snr. T. Brandão que me chamava á casa d'elle e eu disse que iria logo. Voltei a me vestir, quando ouço, isto pelas oito e meia, uma choradeira no andar terreo. Desci a ver o que éra. Éra Leninha. Tinham chegado D.a Bellinha Godoy e Judith, chamados pelo telephone por Leninha, que sentira approximar-se o parto. A mim no entanto não havia dicto uma unica palavra. Avisou-se a parteira e medico, pedi a D.a Bellinha, tudo em casa estando prevenido, que ficasse lá um pouco enquanto eu corria a casa do Snr. T. Brandão, de quem eu estava tratando uma das filhas, que, posteriormente, veiu a fallecer. Em menos de uma hora eu estava de volta, a parteira já lá estava e o parto parecia só vir lá pelo meio dia. Tivemos tempo de almoçar; ás 12½ chegou o medico e pouco antes de 1 hora nasceu Elizinha

Ella tinha sido tão injusta e perversa com a minha mãi, que não quiz abuzar da paciencia d'esta, da sua extrema bondade, fazendo-a novamente vir ao Rio para assistir á hóra. Aos demais parentes eu não me animaria pedir que viessem. Eis o que ella invoca para accusar-me de a ter abandonado, no dia de nascer a filha.

Passado este periodo, começou ella outra vez com as suas historias. Que se casara porque Você promettera que ella só ficaria no Rio um anno, que após trataria de me fazer mudar para aqui, que fôra enganada, que se soubesse que éra para viver no Rio, jamais se casaria comigo e que se eu a quizesse ver differente do que éra, que me mudasse para S. Paulo. É verdade, que ja em solteiro eu havia manifestado desejo de me mudar para S. Paulo; mas n'aquella épocha, pesando bem as cousas, eu estava firme em permanecer no Rio pelas razões que adiante exponho.

Porem, na vaga esperança de que ella aqui em S. Paulo mudasse de indole e procedimento, de que pelo exemplo e conselho dos parentes ella pudesse melhorar, depois de muito reflectir, escrevi ao Dr Franco da Rocha. Eu ia deixar o Rio e um começo de vida de alguns annos. Ia transportar-me para um meio completamente diverso d'aquelle em que estava vivendo, ferindo directamente os meus interesses, porque ia deixar dois lugares que me rendiam 800$ por mez, por um de 350$ aqui em S. Paulo. Ambos os lugares que eu lá occupava, um dos quaes hoje victalicio e outro em vesperas de o ser tambem, rendem actualmente 900$ ao meu substituto. Novas relações, novos conhecimentos, despezas de mudança, nada obstou que eu tomasse essa resolução, uma vez que eu via nisso, uma vaga esperança de endireitar Leninha, por ter feito a vontade d'ella. Você mesmo, eu sei, não era de opinião que eu me mudasse. Depois de algumas difficuldades, Leninha partiu. Não quiz viajar pela Central, quiz vir por mar e veiu. Terminados os ultimos affazeres que me prendiam ao Rio, parti tambem. Pareceu-me que Leninha tinha vindo contente. Chegando a S. Paulo, á sua casa e inesperadamente, Leninha recebeu- com effusão, muito satisfeita. Sinhá então, deante da scena da minha chegada, teve para Leninha, mais ou menos estas expressões: « não acredito no que estou vendo, pois neste momento você estava fallando tanto mal de Quito ». E contou-me após, que Leninha tinha durante ós todo o tempo se queixado, fallado dos maus tratos que eu lhe dava e, até que batia nella... E assim sempre fez. Quando eu pensava que tudo ia muito bem, Leninha, sem motivo algum, ia fallar mal do marido aos parentes. O que foram os dias que passei em sua casa Você deve saber. V. viu no principio, quando a minha nomeação periga-va, como ella procedeu, já fallava em nos separarmos e uma vez, até na sua presença á meza, falte e uma criados, entre cozinheiros, copeiras e amas seccas.

Por occasião do grippe, o que se passou em casa, não destoou do commum. Deste tempo podem informar Córa e Nônô que lá estiveram, attendendo ésta a um meu pedido e, Córa, tendo vindo espontaneamente. Porem não devo deixar de me referir a alguns factos. Tendo a irmam e a tia vindo nos soccorrer, pois que tambem eu estive doente, Leninha foi para ellas de uma ingratidão e malcriadez sem par: «Não tinha pedido a ninguem que se fosse metter em casa d'ella, que não precisava de intrusos que só serviam para pôr tudo em desordem e aborrecel-a e, que se fossem então, que éra o melhor que tinham a fazer.» Desobedecia a todos e as prescripções do medico — o Galeno e de tal modo se tornava malcriado, que um dia Córa resolveu chamar Jorge, que viesse acudil-os, porque não podiam mais com Leninha. Jorge veio e reprehendeu-a asperamente, dizendo mesmo que o bem nisso. Depois foram as difficuldades para se arranjar uma casa. Arranjada esta, Leninha não ia lá; para ver o que se fazia e precisava fazer.

Afinal em fins de Julho, estando prompta a casa, não havia mais razão para não nos mudarmos. Como Leninha oppuzesse difficuldades, resolvi a 28 de Julho mudar-me, indo apenas tomar as refeições em sua casa. E lá fiquei até 22 de Setembro, quando finalmente Leninha appareceu de mudança, queixando-se de Sinhá, a quem naturalmente fizera alguma das suas. Faltava ainda alguma cousa para a casa, porem ia-se comprar, éra impossivel, pois Leninha tudo queria em desaccordo com as suas posses; assim tapetes etc. Os passadores para a escada e corredores, que não se comprou porque ella escolheu um de 20 e tantos mil reis o metro, quando desde 5$ o metro existe. Não encontrava criados que servissem e de 22 de setembro a tres de dezembro, quando parti para o Pau d'Alho, teve sinsem a nada se oppôr. Quando fomos lhe pedir a filha, se oppôz, agarrou-se a criança e defendeu-a para, que eu nem ao menos a tocasse. Só este facto, se toda a vida de Leninha não fosse a mais acabada aberração de uma criatura cuja moral não se desenvolveu normalmente, era o bastante para provar esta affirmativa. A menina, que é uma criaturinha sadia, engraçadinha, bonita como um bibellot, ella se agarrou e reteve. O pobre do Quitinho feiozinho, doentio, retardado, ella deixou partir, sem siquer uma unica palavra ou gesto de opposição. Uma verdadeira mãi teria se agarrado ás duas crianças e talvez mais ao Quitinho, que era o doente e que ella devia suppôr precisar mais dos seus cuidados. A sua irman Nhonhon, que jamais se metteu na nossa vida quando teria podido nos servir, lá estava em casa de Eliza — "expressamente para evitar que eu levasse as crianças"; agradeço a ella e Eliza, a solicitude, com que se mostraram nessa occasião, e a parte que a ellas deve caber, no resultado final desta questão. Por differença do proceder de Julia e Nhôzinho no Rio, que solicitados aos gritos exagerados de Leninha pelo telephone, disseram que iam lá etc., mas, deixaram-se ficar em casa. No outro dia Leninha estava ás turras com o marido. E eu não posso jamais deixar de querer bem a estes dois.

No dia seguinte Nhôzinho foi me procurar, afim de que eu entregasse o menino á mãi. Fiz ver a elle como me seria doído me separar de uma só vez dos meus dois filhinhos. Passados dois dias, voltou com o Cel Salles. Disse-me elle que eu entregasse o Quitinho e que elle se incumbiria de fazer Leninha partir para o Pau d'Alho com as crianças. Cedi e no dia immediato fui com o Cel Salles levar o menino para a casa do Octavio Mendes e logo soube que Leninha não mais iria para o Pau d'Alho, porque Tio [illegible] partira de lá etc. Soube posteriormente, que V. vindo do Pau d'Alho, Leninha estava em sua companhia e que se tratava de arranjar uma casa para ella. Já se passaram dêstes ultimos factos cinco mezes. Tive por essa occasião a opportunidade de ouvir a opinião, o juizo que sobre elles faziam alguns dos mais sensatos parentes de Leninha, entre estes tios paternos d'ella. A grande culpada é vo Leninha. Houve d'entre esses a que me referi, que se lembrasse, de uns tres mezes de "Juquery" para corrigil-a.

Reconhecendo como eu, que ella não tinha a sua esphera moral desenvolvida a ponto de poder avaliar a situação que se creára, de ser incapaz de sentir a tristeza da sua condição social futura e dos seus filhos, só uma privação de aspecto material, de prazeres, de bem estar, pudesse corrigil-a. Foram unanimes em concordar, que uns 6 mezes ou um anno de fazenda, fosse bastante para dar a ella um pouco de juizo. Privol-a materialmente, castigal-a emfim, em beneficio d'ella. Privações d'outra especie ella éra incapaz de sentir.

Estavam de accordo com esta

resolução, mas, quem seria capaz de ir dizer a Você? Julgaram V. bastante abatido por desgostos e doenças. E ficaram, creio, como os ratos da fabula, que descoberta a grande idea do guizo, não encontraram quem o amarrasse ao pescoço do gato.

Você é foi, alem do mais desconhecedor dos pormenores da triste historia que lhe acabo de contar e portanto já esperava que desse razão a filho.

Porem sempre esperei do seu criterio, que tendo de servir de juiz, como fatalmente está servindo nesta questão, não chegasse a julgar, ouvida apenas uma das partes; que não quizesse me julgar um malvado commum, que espanca a mulher, só porque isto diz o seu filho, quando o facto não foi presenciado por ninguem, e eu tenho sempre affirmado, que não se passou como elle conta. Procurei viver num verdadeiro isolamento como tenho vivido e, si decorrerem cinco mezes, que se foi o seu filho devem ter sido muito breves, que, se para V. que não pode sentir como eu hei de ter passado, mais ou menos como os outros, para mim representam uma eternidade. Esperava a todo momento como um visionario por alguem, por você, por quem mesmo sendo sabio, que interviesse no meu caso, pela sorte de uma desprotegida e das duas crianças. Porem nada. Ao contrario d'aquellas medidas lembradas, vejo a principio o seu filho passear aqui em S. Paulo; depois partir para Santos, para uma estação chic de banhos. Mesmo assim esperei e pensava: o Paulo não pode julgar sem me ouvir; não pode deixar se crescerem as crianças, tendo os paes separados, sem tentar corrigir essa situação; talvez chegue a reconhecer que a filha não pode ter os regalias de uma pessôa de identicas condicções, porque ella é mentalmente defficiente, uma incapaz de se lhar por si mesma na vida.

Sei perfeitamente que V. não a quer na sua companhia, como reconhece que ella devido á sua indole má não pode viver na companhia de nenhum parente, que muito menos que você teriam obrigação de atural-a; porem, que vida lhe dar, senão na companhia do marido? Leninha mentalmente é uma doente, não tem capacidade para se manter só na vida, é preciso que alguem a ampare e de perto, porque d'outra maneira não vencerá á primeira difficuldade, cederá ao primeiro embate que a má sorte lhe offerecer. Como pois admittir a sua resolução, de deixal-a vivendo só em uma casinha, e partir para a Europa, para longe d'estes aborrecimentos de familia? Não era da minha pessôa que se tratava e sim de acudir o interesse e bom nome de duas familias, de velar pelo futuro de sua filha e minha mulher, que você não pode deixar de reconhecer como eu a venho apontando, incapaz e irresponsavel e, pelo futuro de duas crianças, por infelicidade uma d'ellas menina. Você pode bem avaliar, como não era pela minha propria sorte que eu temia, pela hypothese de viver separado dos meus filhos, porque, desgraçadamente conheço bem Leninha e ella entregue a si mesmo, não tardará a entregar nas minhas mãos, não uma mas as duas crianças. Como pois consentir, deante um futuro tão arriscado, que as cousas tomassem a direcção accommodaticia que pareciam tomar, só porque um dia o casal brigou, tomando essa briga maior vulto porque Leninha abandonando a casa, foi ter com quem insensatamente lhe desse razão?

Sempre tenho pensado assim.

Mas, no isolamento o que me

notei, jamais chegou o menor indicio, que do lado da minha mulher, do seu pae ~~do seu pae~~ naturalmente, a menor iniciativa houvesse. Se não percebi nada que pudesse interpretar como favoravel á minha situação futura, algumas hostilidades pequeninas eu vinha soffrendo e cafistriao. Se da parte da familia Telles, de todos sem excepção, eu continuei a receber o mesmo tratamento, se da parte dos Moraes Barros homens, todos intelligentes, me parecia serem na minha situação factos apenas a se lamentar, o mesmo não se dava com alguns dos elementos femininos e com aquelles que embora morando na parte, teem um caracter afeminado; refiro-me aos dois genros do Octavio, aqui residentes. Estes dois, sem personalidade propria, assimillaram naturalmente as ideias da sogra, que eu sei ser muitooutro mimo. Um tomou injecções para o seu avariado corpo, aqui no meu consultorio durante mezes; o outro, quando em viagem de nupcias, no Rio, precisou de medico, e fui eu quem foi ver a sua esposa no H. Ardenne. E, o que é mais interessante, no dia da partida, uma [illegible] a mulher a bordo de um navio do Lloyd, verificou que a partida só se realizaria no dia seguinte. Estavam na espectativa de passarem um dia num pequeno navio, atracado num caes immundo, pois a mulher dissera a Seninha, que o marido só possuia o estrictamente necessario para a viagem de Santos a S. Paulo e que, portanto, não poderiam voltar para o hotel.

Foram para a nossa casa, jantaram, dormiram, almoçaram no dia seguinte e finalmente partiram. E é tudo quanto devo a esses dois typos, que agora se negam ao meu comprimento e passam por mim de cabeça teza.

Estes pobres dictos, ao que me parece, apenas reflectem como espelhos, o estado de animo que por ahi vae dentro mim e mostram-me, como não devo esperar qualquer iniciativa que me seja favoravel.

Que fazer finalmente? Ia por exemplo a você pedir que me desse por qualquer modo uma das crianças, o Quitinho naturalmente, porque este seria o unico meio que eu via, de privando do carinho de um filho corrigil-a e fazel-a vir a mim? Deante da sua attitude, me pareceu pouco viavel esta hypotheze. Cruzei os braços deante dos factos e mostrou-me confirmando, tambem não é possivel. Chegado a este ponto, desesperançado em absoluto, lancei mão do ultimo recurso.

Procurando divorciar-me, disse ao meu advogado que fizesse o possivel pa obter o desquite amigavel e que nestas condições eu apenas desejo que me procedimento d'ella justificaram a vinda do Dr Franco da Rocha e enfermeiros do Juquery. Emfim o que ella fez nessa occasião, podem informar todos os parentes que lá estiveram e nos visitaram. Não queria ir com os filhos e marido se convalescer no Pau d'Alho. Com muito custo afinal partiu. Lá, com os outros procedia normalmente, mas comigo, éra a mesma de sempre, talvez peior, por se julgar amparada e eu temer escandalos.

Estando eu completamente restabelecido, e precisando vir a S. Paulo por ir cuidando da minha vida como Você bem sabe, parti, deixando-a lá, depois de pedir muito que se demorasse o mais possivel, pois que com isso, as crianças, sobretudo Ruitinho só tinham que approveitar. Tendo eu partido no dia 7 de Janeiro, no dia 12 tive carta d'ella, contando que estava disposta a vir tambem para S. Paulo, porque a fazenda estava cacetissima e, que talvez viesse no dia 14. Não veio nesse dia e a 15 recebi uma carta d'ella dizendo que de facto desejava vir, porem a seu pedido, resolvera ficar por mais algum tempo e pedindo-me, que mandasse uns sapatos fortes para ella, que não podia passar sem exercicios e uma porção de cousas para si e para as crianças. Deante désta carta fiquei mais satisfeito, pois Leninha resolvera se demorar na fazenda, o que seria muito conveniente para as crianças. Domingo 13 porem, chegando após o almoço, em casa, ás 2 horas, attendo ao telephone o Mauro, que me conta estar Leninha na casa dos avós e fazendo grande barulho, porque eu não fui esperal-a na Estação. Dizia ter me avisado por telegramma. Admirado disse ao Mauro, que não havia recebido cousa alguma. Foi Mauro que me disse então, que procurasse aviso, que talvez o telegramma estivesse retido na Estação da Sorocabana. De facto, estando eu em casa sem empregados, o estafeta não me encontrando, deixou atravez a grade do jardim um papelucho que lá estava junto ao portão, no meio de reclames de cinemas etc.

Apezar d'ella já ter soffrido no Rio os

consequencias de chegar sem me avisar, não se corrigiu, (como não espero que ella se corrija de cousa alguma) e partiu sem me avisar com tempo, eu certo como éra natural. Não se rendeu deante a evidencia dos factos, deante do aviso que ella teve na mão e escreveu a V. que eu propositalmente não tinha ido esperal-a.

Veiu do Pau d'Alho fazendo taes intrigas de V. commigo, que resolvi, lá pelo quarto dia após a vinda d'ella, escrever uma seria carta a V. Tendo porem mostrado a carta a ella, comprehendendo o mal que fizera e intimidada, começou me agradar, para que eu não deitasse a carta no correio. — Esta carta eu li para o avô d'ella e Nhônhô, quando estiveram em casa. — Todas as noites iamos á casa de Dª Ritinha, então doente. Durante o dia, eu estava no meu consultorio; ás 5, 5½ horas porem voltava. Éra certo não encontrar Leninha em casa. — Perguntava ás criadas pela patroa, respondiam — sahiu. As criadas pouco entendiam dos serviços; apenas uma vinda do Pau d'Alho estava mais ao par dos seus obrigações. — Porem esta éra uma criança

Quintinho começou a peiorar dos intestinos. Quando eu chegava da rua, não encontrava Leninha, as crianças tinham que jantar, ella não havia designado jantar para elles e mesmo as vezes faltava o que se lhes fizesse. Após muito esperar, lá pelas 7½ vinha chegando para jantar. Fazia ver a ella, que tinha o dia todo para sahir, porem que a hora d'eu chegar em casa, queria encontral-a. Era peior, no dia seguinte caprichava em chegar mais tarde, dizendo que precisava fazer exercicio, não nascera para estar preza dentro de casa, que durante o dia fazia calor e que só ao escurecer podia passear. Perguntava-lhe eu, naturalmente por onde tinha andado, respondia: "que te importa, por ahi". No dia 29 justamente, tendo eu uma empregada para encerar o consultorio sahi cêdo de casa.

Quando fui almoçar, Leninha, a pretexto de qualquer cousa, fez uma das suas scenas habituaes, porem que muito me aborreceu.

Pelos 4½ da tarde appareceu-me no consultorio. Ao entrar foi dizendo: «pensei que isto aqui tivesse gente». Óra voce pode avaliar, como devo ser doido, quando em difficuldades, no começo da vida, justamente de quem deviamos esperar animo, encorajamento, ouvir-se ao contrario essas cousas. Pediu-me dinheiro para fazer mais compras para a criadinha. Fiz ver a ella que já tinha gasto muito em compras para a Maria Eliza, que por enquanto bastava e que esperasse para o outro mez. Se quizesse de todo fazer compras, que gastasse do que eu já lhe havia dado. Foi o bastante para que fizesse uma d'essas scenas tão proprias d'ella. — O dinheiro que eu tinha éra della, dizia; eu éra um simples miseravel, bandido, que se casára com ella por causa da fortuna d'ella, que eu éra um vadio e cousas mais disse desse jaez. E sahiu dizendo que ia á Casa Moraes Burchard, tirar dinheiro, dinheiro que éra d'ella. Cheguei em casa, e, tal qual como élla vinha fazendo, tambem nesse dia não estava lá. Chegou finalmente, quando eu a estava esperando para jantar, passadas as 7½ horas. Depois da scena que foi a do consultorio, esperei que ao menos nesse dia nada mais houvesse.

Pois bem, foi se sentando á meza e me dizendo — passeei, fiz isto e aquillo, e estive com o Penteado na cidade...

Se quando noivo eu me mostrei ciumento, depois de casado porem, nunca tive ciumes. Ao contrario, V. chegou uma occasião a me advertir, que eu não devia deixar Leninha andar só pela cidade. — Pois bem, essa historia do Penteado éra uma das mais ao sabor d'ella. Atirara-me com o nome d'elle, para em comparações me deprimir, maldizendo a sua deliberação de impedir esse casamento d'ella. — O Penteado sim, esse teria sabido comprehendel-a, com esse ella viveria ele... É escusado dizer, que nunca dei importancia a essas maluquices. Nesse dia, ella não satisfeita com o que me havia feito por occasião do almoço, de ter ido ao meu consultorio só para brigar, de ter voltado para a casa a hora que voltou, por um requinte de malvadez — pois pensava me fazer ciumes e soffrer, — veio me fallar no Penteado. Não dei porem, como das vezes anteriores, importancia ao que ella dizia.

Após o jantar fui até o portão do jardim. Estava lá, quando me lembrei que o seu amigo do S. P. R., me havia dito, que de quando em vez apparecesse, pois que de um momento para outro elle poderia ter opportunidade de me attender. Como largo do Paysandu fosse ali perto, tomei o chapeu e fui. Não encontrando quem me procurara, estive sentado um pouco no jardim do Largo. Pelas 8 3/4 horas resolvi voltar para casa. Não encontrei Leninha. A cozinheira me disse que a patrôa tinha sahido. Pelas dez horas vieram as criadas me pedir roupas de cama para ellas, de que precisavam e as chaves para feichar o portão e a porta da rua. Estive meditando a que eu estava reduzido depois de tres annos de casado — a ter uma mulher que tornara a minha existencia em um verdadeiro inferno em vida. Mas tinha supportado muito e, sempre na illusão de que ella um dia pudesse endireitar, continuaria na mesma resignação.

O ultimo facto porem era inedito — sahir de casa a noite, sem deixar dicto para onde ia e carregando as chaves, a indicar que eu não devia ir procural-a.

Eu teria amargado mais este trávo, se ella ao menos, ao se recolher á casa, fosse direita para o seu quarto e houvesse me deixado em paz. Procuraria, como sempre fiz, fazer ver a ella, que não estava procedendo direito. — Não fez assim infelizmente. Eram já quasi ónze horas. Eu estava no meu escriptorio, esperando que Leninha voltasse. Nisto ouço um barulho na porta da rua — éra Leninha que entrou. Em vez de seguir para o seu quarto, foi ào meu escriptorio. Abriu a porta e sem ao menos me dizer boa noite, foi gritando insolentemente «porque não me foi buscar?» Espere, respondi-lhe, não grite. Ella disse-me mais qualquer cousa, e ia voltando-me as costas. Foi então que, dizendo-lhe, "perdão, se ha quem mereça censura é você, e uma vez que veio até aqui, espere pa que tem que ouvir", tomei-a pelo braço e fiz entrar para o escriptorio. — Éra demais o que ella havia feito nesse dia e uma vez que ainda veio provocar-me no meu escriptorio, que ouvisse o que tinha de ouvir. Porém ao se sentir tomada pelo braço, investiu furiosamente contra mim.

Élla vinha envenenando a minha existencia, pondo a prova a maior das paciencias e eu vinha supportando tudo ja havia 3½ annos. Eu não suspeitava absolutamente nada d'ella, como creio que as suas ameaças por occasião do jantar, eram apenas uma perversidade a mais. Mas o seu intento, com as ameaças e o seu acto de sahir a noite, éra, suppondo-me occultar um ciume terrivel, excitar-me, fazer mal. — Embóra a animassem as mais puras intenções, não está no meu feitio, ser um marido, cuja mulher sahe a noite só carregando as chaves da casa, para voltar as deshóras. Não sou um covarde, nada ha na minha vida que prove o contrario, não sou nenhum feróz espancador de mulheres, mas tambem não sou um tonto que resignadamente, mansamente se deixe bater pela mulher. Sahiu após pela rua a fóra, não sei até onde foi. Passados uns cinco minutos voltou, apanhou o chapeo e a bolsa que ficou no meu escriptorio e disse que se ia embora — por meio de palavrões —, atirou-me ainda um socco que eu apenas desviei. Já sahindo, voltou e se dirigiu ao quarto das crianças. Percebi que ella descia com alguma d'ellas. De facto trazia o pobre do Quitinho, apenas com uma camisinha de dormir e queria leval-o. Interceptei-lhe a sahida forçando do menino, que entregou sem relutar. Disse que se ia. Tive a idéia de fechar-lhe a porta e fazer que subisse para o seu quarto. Porem, dizendo-me ella que se ia embora, tive a visão de haver chegado o termo d'aquella vida infernal. Se a felicidade, para o resto da minha vida então, fosse uma utopia, ao menos uma paz physica, material, eu poderia desfructar. A vida como Quinzinho m'a fazia, ninguem pode desejar. Va-se embora, pois que fosse.

Reflectindo porem, vi que ella poderia ter se dirigido para a casa de algum parente sensato que ao menos, antes de retel-a, tratasse de se informar do occorrido, e estive esperando, com a casa aberta, até 1½ da madrugada.

No outro dia soube que ella estava em casa de Eliza... Por occasião do almoço o Cel Salles esteve lá em casa.

Conversamos muito. Contei a elle então, que no Rio ella já havia feito a mesma cousa, apenas não encontrando em ninguem apoio ao seu procedimento, em menos de doze horas estava em casa, como se nada de anormal houvesse havido.
O Cel Salles disse-me ao nos apartarmos, que ia diligenciar, para que a netta voltasse para a minha casa. As cinco horas, chegando em casa, não encontrei as crianças; Leninha, depois de se informar pelo telephone que eu havia sahido, tinha mandado buscal-as. Não suspeitando de tal, eu havia sahido sem tomar precauções. Desesperado tomei um auto e fui buscar as crianças. Em casa de Eliza, fui ter logo com Leninha, dizendo-lhe, que os meus filhos deviam ficar comigo, em minha casa e que se ella quizesse ficar com elles, que fosse tambem para lá. Mandei a criadinha por tudo que éra das crianças no automovel o que ella fez e, tomando o Britinho, levou-o tambem para o auto. Leninha assistiu a tudo

seja entregue o filho mais velho, que tem agora tres annos. Sobre o restante eu não farei questão alguma. E é o que eu tenho a dizer agora.

Quita.

São Paulo, 5 de Julho de 1919.
rua Libero Badaró nº 140.